



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRITO, Carlos Eduardo. Parece que ele gosta de sofrer! Contribuições teóricas e práticas das psicoterapias corporais para a compreensão do masoquismo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

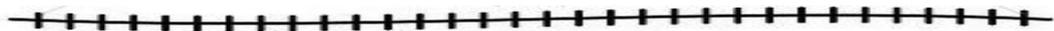
PARECE QUE ELE GOSTA DE SOFRER! CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS DAS PSICOTERAPIAS CORPORAIS PARA A COMPREENSÃO DO MASOQUISMO

Carlos Eduardo Brito

RESUMO

O masoquismo é um dos quadros mais comuns na prática clínica. Há pacientes que habitualmente se expressam através de um tom queixoso e que acreditam serem fadados ao fracasso. São pessoas que ocupam um lugar emocional vitimizante e que costumam se sabotar e se autodesqualificar. Vivem relações afetivas com muito desgaste, testando os sentimentos e a paciência das pessoas com as quais convivem. No senso comum, se diz que essas pessoas têm características masoquistas, pois parecem gostar de sofrer. Esse artigo aborda a dinâmica emocional dessas pessoas. Por que, no fundo, são assim? São apresentadas aqui as principais descobertas de Wilhelm Reich sobre o masoquismo e seu novo e original olhar para essa questão. O artigo traz também reflexões e propostas de como trabalhar com técnicas verbais e corporais as defesas masoquistas através da Psicoterapia Corporal.

Palavras-chave: Lowen. Masoquismo. Psicoterapias Corporais. Reich.



Em nossa prática clínica como psicoterapeutas é comum encontrarmos pacientes que apresentam características emocionais bastante marcantes como a predominância de queixas e reclamações constantes sobre suas próprias vidas e suas relações afetivas. Vivenciam muitos sentimentos negativos e se sentem habitualmente como vítimas das situações. São pessoas que apresentam predisposição à autodesqualificação e humilhação. Quando essa dinâmica emocional corresponde, como afirma Lowen (1977, p. 119), à “atitude básica com a qual o indivíduo confronta a vida [...], um modo de responder que está estabelecido, congelado ou estruturado”, ela equivale ao caráter do paciente. No âmbito que trabalharemos aqui e com as características citadas acima, designamos o caráter masoquista.

O caráter masoquista se constitui quando a criança tem uma relação com uma função materna que suprime a liberdade e a expressão dos impulsos da criança. Isso ocorre de forma marcante na fase anal do desenvolvimento infantil quando o tema



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRITO, Carlos Eduardo. Parece que ele gosta de sofrer! Contribuições teóricas e práticas das psicoterapias corporais para a compreensão do masoquismo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

emocional do controle tem peso importante para a criança. Pode-se ter como exemplo uma mãe superprotetora ou supercontroladora, que não dá espaço para a criança construir sua autonomia. A mãe não só não estimula, como também restringe a independência da criança. Como demarca Lowen (1982, p. 145): “a mãe dominadora e capaz de sacrificar-se sufoca literalmente a criança, que é levada a sentir-se extremamente culpada por qualquer tentativa de declarar sua liberdade”. Segundo Volpi & Volpi (2003, p. 108): “o fato de a atitude materna ser repressora não significa que a mãe não ame seu filho. A forma pela qual ama, todavia, é completamente distorcida. A humilhação a que a criança é submetida pode ser justificada como cuidado e tomar a forma de proteção e preocupação exageradas”.

A criança internaliza essas vivências e passa a achar que tudo que ela própria faz é ruim, já que não pode fazer nada do seu jeito. Habitualmente, quando a criança tenta agir, é logo criticada e desqualificada pela mãe. O eterno pessimismo do masoquista é decorrente da internalização dessa visão de sua incapacidade. Aconteça o que acontecer, ele acha que está fadado ao fracasso e destinado a ser uma pessoa infeliz. Mas não percebe que esse olhar influencia também o próprio jeito como lida com as situações. Isso equivale a um modo de agir que traz em si uma energia pesada, carregada. O masoquista prevê que as situações vão lhe trazer infortúnios, só que não percebe que a forma como se posiciona e age no mundo contribui para que algo dê errado.

Desde sua infância, os canais de expressão (verbais e corporais) dos seus impulsos foram bloqueados porque ele não pôde se expressar de forma mais livre. Esse processo fez com que seus impulsos passassem a se manifestar de forma tortuosa e um tanto atrapalhada. Por exemplo, nos relacionamentos afetivos, ele reclama muito e implica com tudo. Pode ser extremamente inconveniente e desagradável. Pode se envolver com frequência em tumultos e confusões, situações essas que muitas vezes ele cria ou procura inconscientemente se envolver. Em outros casos, ele vivencia situações extenuantes das quais não consegue se desenredar. Stolkiner (2008, p. 215) aponta que “o masoquista aguenta tudo”.

Como afirma Reich (1995, p. 232-233):



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRITO, Carlos Eduardo. Parece que ele gosta de sofrer! Contribuições teóricas e práticas das psicoterapias corporais para a compreensão do masoquismo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

A paixão masoquista pelo atormentar, as queixas, a provocação e o sofrimento podem [...] ser explicados com base no não atendimento fantasiado ou real de uma exigência de amor quantitativamente excessiva. [...] O caráter masoquista procura conter a tensão interna e a ameaça de angústia por um método inadequado, ou seja, atraindo amor através de provocação e desafio.

Suas queixas constantes e reclamações são uma forma deslocada de descarregar o excesso de energia aprisionada internamente que é vivida de forma angustiante. As provocações que faz têm como objetivo fazer com que o outro reaja e lhe faça críticas para que assim o masoquista tenha uma justificativa para explodir, e assim poder descarregar sua energia acumulada.

Por causa das frustrações que viveu, especialmente na relação com a função materna, o masoquista possui uma grande quantidade de sentimentos hostis dentro de si. Essa hostilidade aparece nesse tom ora provocativo, ora ranzinza com que se dirige às pessoas. Um dos grandes problemas é que essas atitudes do masoquista aumentam a chance das outras pessoas se afastarem dele. Por que no fundo afasta as pessoas? O que inconscientemente quer? No fundo, inconscientemente, quer afastar a mãe e ele tende a transferir isso para os outros.

Em seu íntimo, ele quer se sentir amado. Mas tende a sentir e a traduzir a proximidade do outro como cobrança ou controle. Assim como aconteceu na relação com a mãe que o desqualificava. Por isso, em seu dicionário afetivo interno, o sentimento de amor pode ser confundido com cobrança ou controle. É importante sinalizar que ele pode sentir a aproximação afetuosa de uma pessoa em sua direção como controle, como ele próprio também pode restringir a liberdade de quem está a sua volta.

É importante observar como um paciente masoquista pode ter características sádicas. O lamento constante do masoquista e seu tom queixoso nas relações afetivas possuem um componente emocional sádico. No fundo, é como se ele dissesse para quem está próximo: “estou sempre infeliz e não há nada que você possa fazer por mim”. Junto com isso, há uma tentativa de responsabilizar o outro para que ele,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRITO, Carlos Eduardo. Parece que ele gosta de sofrer! Contribuições teóricas e práticas das psicoterapias corporais para a compreensão do masoquismo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

masoquista, possa permanecer em um lugar de vítima. Por isso, é muito comum que ele tente manipular os outros tentando lhes inculcar culpa.

Corporalmente, há uma tendência de presença de áreas corporais hipertônicas. Existem impulsos contidos e regiões corporais rígidas. Pode existir uma considerável quantidade de energia interna aprisionada, pois os canais de expressão foram bloqueados ao longo de seu desenvolvimento.

Reich (1995) trouxe importantes contribuições para o aprofundamento da compreensão sobre o masoquismo. No senso comum sempre se disse que o masoquista buscaria constantemente o desprazer e que ele gostaria de sofrer. Reich descobriu que, na verdade, não é que o masoquista tenha prazer no desprazer, mas sim que ele vive as sensações de prazer de uma forma angustiante, já que a família cerceou sua liberdade, autonomia e prazer. Ele não suporta o aumento das sensações de prazer e expansão. O masoquista vive o que Reich (1995) denominou de angústia de prazer. Vale lembrar que a angústia de prazer não é exclusiva do masoquista, mas aparece nele como fator preponderante. Ele se vê tomado por sensações que seriam potencialmente prazerosas para outras pessoas, mas que ele não consegue experienciar de forma prazerosa. Ele não consegue lidar e nem dar conta dessas sensações, pois não aprendeu a viver a expansão ao longo de sua educação repressiva. Dessa forma, há uma “percepção desagradável da sensação de prazer” (REICH, 1995, p. 248).

É digno de nota que Freud (1924/2007) postula a existência de um masoquismo primário, uma tendência à autodestrutividade, inerente ao homem. Por outro lado, para Reich não há masoquismo primário, mas sim internalização do sadismo sofrido pela pessoa. A pessoa se maltrata como foi maltratada.

Em relação ao manejo terapêutico, podemos abordar agora como trabalhar as defesas do paciente. É importante ajudar o paciente a perceber as armadilhas inconscientes que monta para si mesmo. Ele tenta demandar amor e cicatrizar suas feridas através de provocações, desafios e testes. Essa dinâmica de relacionamento interpessoal diminui suas chances de ser amado. E agindo dessa forma, ele cria um



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRITO, Carlos Eduardo. Parece que ele gosta de sofrer! Contribuições teóricas e práticas das psicoterapias corporais para a compreensão do masoquismo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

ambiente de tensão e peso em suas relações. Isso contribui para que as situações não lhe sejam favoráveis.

Outra armadilha que precisa ser desmontada corresponde à sua tendência de encarar os eventos sempre pelo lado negativo. Qualquer situação é vivida como uma justificativa para ficar emburrado ou mal humorado, por exemplo. Ele seleciona e enfatiza os aspectos mais desagradáveis de suas experiências. Apresenta uma predisposição para agir com má vontade e com mau humor. Sua visão de mundo determina suas atitudes. E suas atitudes acabam confirmando sua visão pessimista. De antemão, ele já se coloca em grande dúvida de que possa ter sucesso em conseguir aquilo que deseja. A terapia vai ajudá-lo a compreender que, no fundo, muitas vezes, ele próprio age para que as situações não deem certo.

Navarro (1995) afirma que o masoquista, “no *setting* terapêutico, lamenta-se da terapia, que não o ajuda, que os outros fazem progressos e ele não” (NAVARRO, 1995, p. 74). O psicoterapeuta precisa ter paciência, disponibilidade afetiva e centramento para saber lidar com as provocações e os desafios que o paciente faz. O terapeuta precisa ser presente, e precisa ter trabalhado sua contratransferência para não ser controlador como a função materna original do paciente.

Um dos pontos mais relevantes para o terapeuta estar atento ocorre quando o paciente simbolicamente estende a mão pedindo ajuda para sair das situações difíceis nas quais se enreda. O risco é o terapeuta ser tragado pelo “pântano masoquista” (REICH, 1995, p.227). Devemos lembrar que o paciente vive sentimentos ambivalentes em relação à vontade de modificar sua condição: há um lado dele que não quer mudar. Porque mudar significaria perder os ganhos neuróticos do lugar de vítima que ele ocupa.

Merecem destaque algumas técnicas de intervenção corporal das Psicoterapias Corporais. É importante utilizar trabalhos corporais de desbloqueio do segmento ocular, pois há bloqueios na capacidade de contato. O desencouraçamento desse segmento contribui para evitar explosões cegas de raiva. Para trabalhar esses conteúdos, a foto-estimulação ocular é um valioso instrumento terapêutico. Para uma descrição pormenorizada da técnica, ver NAVARRO (1996), BAKER (1980) e TROTTA (1998).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRITO, Carlos Eduardo. Parece que ele gosta de sofrer! Contribuições teóricas e práticas das psicoterapias corporais para a compreensão do masoquismo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

Como demonstra TROTTA (1998), a lanterna produz efeito vitalizador sobre a função ocular, estimula o desenvolvimento da capacidade de concentração e de foco, e especialmente de contato com as próprias sensações.

Há grande quantidade de sentimentos de raiva contida e não elaborada. Por isso, muitas vezes é necessário fazer técnicas de expressão de raiva no *setting* terapêutico para descarregar o excesso de energia contida. Isso é importante, pois ajuda o paciente a evitar a descarga explosiva de raiva em suas relações afetivas. No percurso do processo terapêutico, em muitos casos, o paciente primeiro precisa poder fazer contato com a raiva para depois poder entrar em contato com a frustração e a tristeza por não se sentir amado. Mas, às vezes, como sua raiva ainda não foi metabolizada, ele pode ter atitudes de birra em seu cotidiano e na própria terapia. Ele faz isso para testar se o outro consegue dar conta de suas reações emocionais sem o controlar. É importante que a terapia ajude a perceber e elaborar essa situação.

Ao longo desse processo terapêutico, há algo muito relevante que não poderíamos deixar de mencionar. Trabalhar com pacientes com essa dinâmica emocional significa um investimento na capacidade de crescimento do próprio psicoterapeuta. Lidar com essas características ajuda a desenvolver e aprofundar nossa capacidade de contato e disponibilidade afetiva.

REFERÊNCIAS

- BAKER, E. **O Labirinto Humano**. São Paulo: Summus, 1980.
- FREUD, S. (1924). O Problema Econômico do Masoquismo. In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007, v.3, p. 105-115.
- LOWEN, A. **O corpo em terapia: a abordagem bioenergética**. São Paulo: Summus, 1977.
- _____. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982.
- NAVARRO, F. **Caracterologia Pós-Reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BRITO, Carlos Eduardo. Parece que ele gosta de sofrer! Contribuições teóricas e práticas das psicoterapias corporais para a compreensão do masoquismo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRIA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS**. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

_____. **Metodologia da Vegetoterapia Carácter-Analítica: Sistemática, Semiótica, Semiologia, Semântica**. São Paulo: Summus, 1996.

REICH, W. **Análise do Carácter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

STOLKINER, J. **Abrindo-se aos mistérios do corpo: Seminários de Orgonomia**. Porto Alegre: Alcance, 2008.

TROTTA, E. Bases neurofisiológicas dos procedimentos clínicos de estimulação ocular com luzes coloridas. **Revista da Sociedade Wilhelm Reich/RS**, Porto Alegre, v.2, n.2, p.37- 49, 1998.

VOLPI, J.H. & VOLPI, S.M. **Reich: A Análise Bioenergética**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

AUTOR

Carlos Eduardo Brito / Rio de Janeiro / RJ / Brasil - CRP- 05/21459 – Psicólogo e Psicoterapeuta Corporal. Membro da equipe de coordenação do Núcleo de Psicoterapia Reichiana. Professor do Curso de Formação em Psicoterapia Reichiana do Núcleo de Psicoterapia Reichiana. Professor do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Supervisor clínico do Serviço de Psicologia Aplicada da PUC-Rio.

E-mail: carlosetuardo@connection.com.br